

CULTURA MATERIAL DA MANDIQUERA E A PROPOSIÇÃO DO CURRÍCULO NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

*Rogério Andrade Maciel
Joana d'Arc de Vasconcelos Neves
Franciele de Almeida Magalhães*

Resumo

Este artigo analisa a Cultura Material da Mandiquera no cemitério e a proposição do currículo cultural para a Educação de Jovens e Adultos na Amazônia Bragantina, Estado do Pará. Metodologicamente, foi utilizada a abordagem da Nova História Cultural na observação dos objetos culturais usados pelos vendedores de mandiquera. O uso de imagens, a história oral e o documento da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) permitiram efetuar a coleta de dados. Os resultados apontaram que há no cenário brasileiro tanto o desmonte da EJA acentuada pela invisibilização dessa modalidade nas diretrizes orientadoras da BNCC, quanto à luta pela criação de currículos que valorizem os objetos culturais, os territórios e as diversidades culturais dos sujeitos da EJA, ou seja, currículos orientados pelas práticas culturais. Foi constatado, ainda, que a prática cultural de venda da mandiquera nos cemitérios de Bragança, deve ser preservada, visto ser vista como patrimônio histórico bragantino, brasileiro e mundial, e como tal, pode ser orientadora de currículo para os jovens, adultos e idosos as escolas bragantinas.

Palavras-chave: cultura material; mandiquera; currículo; educação de jovens e adultos.

MATERIAL CULTURE OF MANDIQUERA AND THE PROPOSAL OF THE CURRICULUM IN YOUTH AND ADULT EDUCATION

Abstract

This article analyzes the Material Culture of Mandiquera in the cemetery and the proposition of a cultural curriculum for the Education of Youth and Adults in the Amazon Bragantina, State of Pará. Methodologically, the New Cultural History approach was used in the observation of cultural objects used by sellers of mandicra. The use of images, oral history and the document of the Common National Curriculum Base (BNCC) allowed for data collection. The results showed that there is both the dismantling of EJA in the Brazilian scenario, accentuated by the invisibility of this modality in the BNCC guidelines, and the struggle for the creation of curricula that value cultural objects, territories and cultural diversities of the subjects of EJA, that is, , curricula guided by cultural practices. It was also found that the cultural practice of selling mandiquera in the cemeteries of Bragança must be preserved, as it is seen as a Bragança, Brazilian and world historical heritage, and as such, it can be a curriculum guide for young people, adults and the elderly the Bragantine schools.

Keywords: material culture; mandicar; resume; youth and adult education.

LA CULTURA MATERIAL DE LA MANIQUERA Y LA PROPUESTA DEL CURRÍCULO EN LA EDUCACIÓN DE JÓVENES Y ADULTOS

Resumen

Este artículo analiza la Cultura Material de Mandiquera en el cementerio y la propuesta de un currículo cultural para la Educación de Jóvenes y Adultos en la Amazonia Bragantina, Estado de Pará. Metodológicamente, se utilizó el enfoque de la Nueva Historia Cultural en la observación de los objetos culturales utilizados. por vendedores de mandyca. El uso de imágenes, historia oral y el documento de Common National Curriculum Base (BNCC) permitió la recolección de datos. Los resultados mostraron que existe tanto el desmantelamiento de EJA en el escenario brasileño, acentuado por la invisibilidad de esta modalidad en los lineamientos del BNCC, como la lucha por la creación de currículos que valoren los

objetos culturais, territorios y diversidades culturales de los sujetos de EJA, es decir, currículos guiados por prácticas culturales. También se encontró que la práctica cultural de vender mandiquera en los cementerios de Bragança debe ser preservada, ya que se considera un patrimonio histórico de Bragança, Brasil y la humanidad, y como tal, puede ser una guía curricular para jóvenes, adultos y los ancianos las escuelas bragantinas.

Palabras clave: cultura material; mandyca; reanudar; educación de jóvenes y adultos.

INTRODUÇÃO

A cultura material da mandiquera¹ é um tipo de alimento que está constituído pelos objetos culturais usados em frente ao cemitério, no momento que esse produto é consumido pela população da Amazônia Bragantina². A cultura material é constituída, segundo Burke (2008), pelo conjunto de artefatos culturais, produzidos e consumidos, no contexto sociocultural dos sujeitos.

Os objetos usados com a venda da mandiquera, na frente do cemitério, estão imersos por saberes e práticas culturais, indicando produções de conhecimento, pouco pesquisadas, na tessitura dos currículos para os contextos escolares, especialmente do currículo cultural para a Educação de Jovens e Adultos (EJA) no âmbito escolar.

Por sua vez, no campo educacional, considerar a cultura dos jovens e adultos nos mais variados territórios para pensar o currículo é, segundo Freire (2005), Moreira e Candau (2007), um movimento de resistência e respeito pela cultura experiencial desses sujeitos. Nessa lógica, a associação entre a cultura material da mandiquera e currículo, ainda precisa ser investigada/discutida na EJA no contexto Amazônico, principalmente, na contemporaneidade, onde essa modalidade da Educação Básica vem ‘sofrendo’ um desmonte no cenário brasileiro, a exemplo, a sua negação, ou seja, silenciamento sobre a sua existência, na diretriz normativa com a implementação da Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

Mesmo diante do silenciamento, é preciso considerar que a Educação de Jovens e Adultos (EJA), segundo a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) nº 9.394/1996, é uma modalidade da Educação Básica, no sistema de ensino brasileiro, que deve ser ofertada pelas secretarias municipais e estaduais de educação, no formato presencial ou a distância. Em

¹ Segundo Ribeiro (2016), Albuquerque e Malar (2019), etimologicamente, no dicionário *online* da Língua Portuguesa a mandiquera é caracteriza-se como a palavra *manikuéra*, que significa uma variedade de mandioca de sumo doce, oriunda de uma prática cultural dos indígenas, especificamente do Tupi, onde beber essa iguaria era uma forma de homenagear os mortos. Ela tem ainda, variações terminológicas identificadas, como: manicuera, mandicoeira e mandicuera. O último termo foi o mais usual entre os vendedores nos dois cemitérios de Bragança, Estado do Pará.

² Bragança fica localizada na região nordeste do Pará, a 210 quilômetros de Belém, capital do Estado. É uma das cidades mais antigas do Estado do Pará. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pa/braganca/historico>. Acesso em: 25 maio 2019.

conformidade com o Art. 37 da LDB, a “[...] educação de jovens e adultos será destinada àqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos no Ensino Fundamental e Médio na idade própria”, cuja finalidade é equalizar a dívida social da escolaridade na vida dos jovens e adultos e idosos, possibilitando, a esses sujeitos, o direito à educação que lhes fora negada.

A partir dessas considerações, objetiva-se, neste estudo, destacar as possibilidades das práticas culturais geradas pela Cultura Material da Mandiquera no cotidiano do cemitério na proposição do Currículo Cultural para a Educação de Jovens e Adultos na Amazônia Bragantina–Pará-Brasil. Tal proposição dar-se-á na luta de criação de currículos que valorizem os objetos culturais, os territórios e as diversidades culturais dos sujeitos da EJA, ou seja, currículos orientados pelas práticas culturais que podem ser construídas como orientadoras nos mais variados territórios escolares e turmas de EJA.

PERCURSO METODOLÓGICO

Ressalta-se que as práticas culturais da Mandiquera, como patrimônios históricos e culturais, constituem-se, neste estudo, pela referência teórica da Nova História Cultural (NHC), cuja abordagem busca analisar os acontecimentos históricos e sociais, rompendo com o paradigma de invisibilidade existente nas práticas do cotidiano, na medida em que valoriza os sujeitos e suas relações com os artefatos, suas práticas e representações culturais.

Desse modo, com objetivo de destacar as possibilidades das práticas culturais geradas pela Cultura Material da Mandiquera no cotidiano do cemitério na proposição do Currículo cultural para a Educação de Jovens e Adultos na Amazônia Bragantina–Pará-Brasil, este estudo situa-se tanto na pesquisa de campo, quanto na pesquisa documental.

Assim, na pesquisa de campo, referenciada por Marconi e Lakatos (2010), objetiva-se apresentar a prática da mandiquera – uma tradição cultural do município de 408 anos, Bragança Pará, atrelada aos mais variados artefatos culturais, destacando sua produção e a maneira de circulação no cotidiano e nos territórios – buscou-se o encontro com os vendedores do cemitério, bem como o reconhecimento, o uso dos objetos e as práticas culturais, desenvolvidas com a venda da mandiquera.

Em função do isolamento social, a seleção dos vendedores na mandiquera ocorreu a partir dos coveiros dos cemitérios que indicaram o local onde residiam, bem como, solicitou-se o contato do telefone. De posse dessas informações, o contato inicial ocorreu por meio do WhatsApp que permitiu explicar sobre os objetivos da pesquisa e a necessidade de entrevistá-los.

Esse diálogo inicial foi fundamental, entre os pesquisadores e os vendedores entrevistados, no sentido de obter informações referente a essa prática cultural, bem como, cumprir as normas pela Secretaria de Saúde do Município de Bragança sobre o isolamento e o distanciamento social.

Esses primeiros contatos, permitiram definir os sujeitos do estudo, na medida em que os vendedores contactados manifestaram o seu interesse em contribuir com a pesquisa.

Tabela 1: Identificação dos vendedores da mandiquera

<u>Nome</u>	<u>Idade</u>	<u>Endereço de moradia</u>	<u>Tempo de venda da Mandiquera no cemitério</u>
Luzia Silva	41 anos	Mora em Bragança	6 anos na frente do cemitério
Valdemir	56 anos	Mora em Bragança	Vende na frente do cemitério há 15 anos
Marilucia	27 anos	Mora em Bragança	18 anos venda da mandiquera no cemitério
Sebastiana	63 anos	Comunidade do Sítio grande, Camutá	25 anos com a venda da mandiquera

Fonte: Dados organizados pelos autores, 2021.

Assim, participaram 4 sujeitos, sendo 3 mulheres e 1 homem, com idades que variam de 27 a 63 anos de idade. 3 são moradores da sede do município e 1 na Comunidade do Sítio Grande, Camutá. Os quatro trabalham com a venda da mandiquera no dia dos finados em mais de 6 anos.

No segundo momento, utilizou-se tanto **a História Oral dos vendedores, quanto às imagens** (do ano de 2019, cedidas pelos próprios vendedores) para identificar os processos de produção, circulação e apropriação dos significados e sentidos, representações sobre a mandiquera vendida na frente do cemitério em Bragança –PA.

Como descreve Bom Meihy (1996), a história oral é uma **metodologia de pesquisa** que consiste em realizar entrevistas com pessoas que podem testemunhar sobre fatos, acontecimentos e contextos sociais, modos de vida ou outros aspectos da história contemporânea. Já as imagens permitem o conhecimento dos sujeitos, no sentido de recolocá-las num determinado contexto original, para que seja possível fazer uma captura dos aspectos da cultura material e o confronto com as narrativas dos entrevistados (BURKE 2017).

Dessa maneira, além da pesquisa de campo, a pesquisa documental que, segundo Gil (1999), são materiais que não receberam ainda um tratamento analítico, tais como: os documentos de ‘primeira mão’: oficiais, reportagens de jornal, cartas, contratos, diários, filmes e fotografias; e os documentos de ‘segunda mão’: relatórios de pesquisas, relatórios de empresas e tabelas estatísticas.

No caso desta pesquisa, os documentos de estudo foram: *Livro de Aforamento de sepulturas (1910-1960)*³ e o documento *Digitalizado da Base Nacional Comum Curricular (BNCC)*.

Neste estudo, o *Livro de Aforamento de Sepulturas* possibilitou identificar a fundação dos cemitérios e relacionar o tempo de venda que essa mandiquera acontece na frente dos dois cemitérios. Já a *Base Nacional Comum Curricular (BNCC)* potencializou identificar a forma que esse documento trata a modalidade da educação de jovens e adultos. Ao observar a invisibilidade da EJA no documento digitalizado da BNCC, foi proposto um currículo cultural para as turmas de 1ª e 2ª etapas da Educação de Jovens e Adultos, com vistas a valorização das diversidades culturais dos sujeitos da EJA.

Análise e resultados

Os espaços de produção da mandiquera e o local da venda, são territórios que podem ser representados, segundo Haesbaert (2004) e Aragon (2002), como espaços de construção de identidades marcadas pela dinâmica material e simbólica, territórios de produção e circulação da prática cultural da mandiquera no município de Bragança-Pa, Amazônia Paraense, além de construção simbólica, onde articulam-se a ideia de pertencimento, sentimentos de apropriação e cuidado com esse espaço, que permitiu articulá-los ao campo do currículo, como produção de currículo cultural para as escolas de EJA.

Para a chegada e a venda da mandiquera na frente do cemitério, no dia de finados, existe todo um preparo para a feitura deste produto, segundo a agricultora e vendedora Sebastiana:

[...] Depois de retirar a Mandiocaba da roça ela não é descascada. A gente vai lavar ela com a escova, depois que a gente lavar, a gente vai cevar (ralar) ela. Daí ela vai ficar só aquele líquido, né! Aí a gente bota um pano na Peneira e bota a calda num pano e vai espremendo e vai saindo só aquela Calda [...] Daí a primeira calda dela a gente põe no fogo no Panelão de alumínio, daí a gente faz outra lavagem naquela massa para fazer a retirada da renova [...] Ela tem que ficar bem fervida. É o dia todo, fica os dois Panelão lado a lado fervendo [...] Quando for umas 4 horas da tarde a gente coloca o arroz dentro da calda [...] Depois a gente bota a goma, que engrossa, a gente já abaixa do fogo. Daí a gente já vai separado para as vasilhas, o que é para gente levar para Bragança.

Ao observar esse enunciado, identifica-se que a Mandiocaba é uma planta retirada da roça, e segundo a agricultora Sebastiana, ela é “[...] a irmã da macaxeira e prima da mandioca” [...] “[...] A diferença é que essa raiz é suculenta e parece uma maçã quando comemos”. Uma raiz, utilizada tanto para alimentação quanto para a produção e a comercialização nas mais variadas comunidades

³ É uma fonte de pesquisa documental que permitiu identificar a fundação dos cemitérios e relacionar o tempo de venda que essa mandiquera.

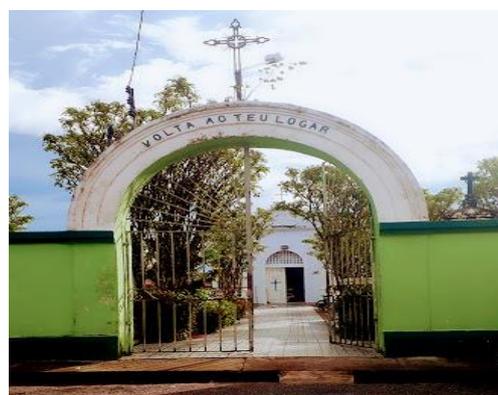
da Amazônia Bragantina, especialmente, na frente dos cemitérios. Conforme o *Livro de Aforamento de Sepulturas (1910-1960)*, o *Cemitério Campo da Saudade*, localizado estrategicamente na Avenida Almir Gabriel, bairro Vila Sinhá, em Bragança-PA, construído em 1988; e o *Cemitério Santa Rosa de Lima* foi fundado no dia 23 de junho de 1888, localizado na rua Dr. Roberto, bairro do Alegre em Bragança- PA. São os espaços, onde ocorrem a venda da mandiquera em Bragança no dia de Finados, segundo as imagens a seguir que identificam os dois cemitérios:

Imagem 1: Cemitério Campo da Saudade



Fonte: Acervo fotográfico dos pesquisadores, 2021.

Imagem 2: Cemitério Santa Rosa de Lima



Fonte: Acervo fotográfico dos pesquisadores, 2021.

Os dois cemitérios ‘carregam’ em si uma tradição cultural que já existe a mais de 70 anos no município de Bragança, com a venda da mandiquera. São territórios, como anuncia Aragon (2002), onde existe uma diversidade cultural criada por jovens, adultos e idosos que, além de visitarem seus entes queridos no dia de Finados, aproveitam para alimentarem-se com a venda da mandiquera.

Culturalmente é destacada a prática cultural da venda de mandiquera na frente do cemitério, no dia de Finados, inicia-se as 10 horas da manhã e acontece até a meia noite, ou seja, são 12 horas de venda. Conforme observa-se nas fotos a seguir, as barracas são arrumadas uma ao lado da outra, com as mesas, toalhas e todos os artefatos necessários para a comercialização.

Imagem 3: Vendedores no Cemitério Santa Rosa de Lima

Imagem 4: Consumidores no Cemitério Campo da Saudade



Fonte: Acervo fotográfico dos pesquisadores, 2019.



Fonte: Acervo fotográfico dos pesquisadores, 2019.

Essa prática acontece em inúmeros municípios no Estado paraense, são manifestações que atravessam os municípios que deveriam ser inscritas como manifestações cultural na Amazônia paraense. Ressalta-se que são práticas, caracterizadas por Albuquerque e Malár (2018), como manifestações sentimentais e de pertença para com os seres não vivos e, ao mesmo tempo, território de encontros com os amigos, familiares. Momento de tristezas e alegrias, regadas ao sabor da mandiquera.

No caso de Bragança, os vendedores de mandiquera trabalham na frente do cemitério há bastante tempo:

[...] Eu comecei a vender a mandiquera com uma amiga que trabalha aqui a mais de 25 anos. Eu comecei aqui há 06 anos atrás e gostei de vender por conta própria. (Luiza Silva).

[...] Eu vendo na frente do cemitério há 15 anos a mandiquera, nesse período de finados (Valdemir).

[...] Eu vendo há 4 anos a mandiquera aqui na frente do cemitério, eu aprendi a vender com a minha mãe, ela vendeu a 30 anos a mandiquera aqui. Eu nasci e me criei fazendo isso com ela, pra mim é uma tradição de família (Marilucia).

[...] Eu vendo a mandiquera a mais de 20 anos, tenho plantação e faço a mandiquera, sou agricultora e trabalho em casa. Eu aprendi a fazer a mandiquera com meus avós e pais, há 25 anos atrás. (Sebastiana).

Na observação das práticas culturais de venda de mandiquera, constata-se que elas variam de acordo com os saberes que são transmitidos de geração, de mãe para filha, pais para filhos(as), de avós e avôs. Além do que, a maioria dos vendedores vendem a mandiquera há mais de 20 anos, somente a vendedora Marilucia vende a 4 anos, mas já acompanhava a mãe que vendeu esse artigo de consumo durante 30 anos. Para Freire (2002), os saberes transmitidos de geração a geração são fundamentais para se perpetuar a valorização dos conhecimentos dos jovens, adultos e idosos na sociedade, são saberes que devem ser articulados no contexto escolar.

Sobre a venda da mandiquera, existe toda uma organização que está entrelaçado pelos objetos culturais⁴. Como vistos nas imagens a seguir:

Imagem 5: Mandiquera na panela de alumínio



Fonte: Acervo fotográfico dos pesquisadores, 2019.

Imagem 6: Mandiquera nas garrafas de plásticos



Fonte: Acervo fotográfico dos pesquisadores, 2019.

Imagem 7: Mandiquera nas garrafas e copos



Fonte: Acervo fotográfico dos pesquisadores, 2019.

Imagem 8: Mandiquera nos potes e alguidares



Fonte: Acervo fotográfico dos pesquisadores, 2019.

Nessas imagens, identificam-se diversos objetos usados para a venda da mandiquera: Na Imagem 5, conforme a vendedora Luiza “[...] A maioria da mandiquera é colocadas em tachos de alumínio, é como vem das comunidades, após ser bastante fervida”. “[...] Já outros vendedores recebem em garrafas de 2 litros nos vasilhames que colocam objetos da roça” (fala do Vendedor Valdemir, conforme a Imagem 6).

Na Imagem 7, identifica-se a venda da mandiquera em garrafas e copos descartáveis. Conforme a Imagem 8, a vendedora e agricultora Sebastiana diz que “[...] tem muita mandiquera

⁴ Vale ressaltar, “a mandiquera que vem das comunidades para frente do cemitério estão em cima dos caminhões e outros em carros de pequeno porte”, conforme aponta a vendedora e agricultora Sebastiana.

também colocada em potes como se fosse alguidar e potes de jarros de água, depois retiramos eles e colocamos em copos descartáveis para a venda, em sacos de meio e um litro e até na cuia”.

O conjunto de objetos culturais da tradição estão associados para o consumo, sob duas lógicas: os valores e o tipo de mandiquera. Nas falas extraídas, observou-se o seguinte: “[...] O valor da mandiquera depende de onde eles vão levar. Se for no copo descartável é R\$ 2 reais, se for no saco de litro é R\$ 8 reais (Vendedora Luiza Silva). “[...]Eu vendo a R\$ 8 reais o litro, geralmente vendo de 20 a 30 garrafas de 2 litros no dia de finados (Vendedor Valdemir). A vendedora e agricultora Sebastiana, vende a cuia no valor de R\$ 4,00. Aqui, a relação de valores está associada ao custo benefício e o desejo dos consumidores em obter a mandiquera para se alimentar.

No que diz respeito ao ato de se alimentar, Norbert Elias (2006) diz que a mandiquera carrega uma linguagem simbólica e enquanto produto cultural é também um objeto portador de ideologias. Logo, a prática cultural e o consumo da mandiquera estabelece-se enquanto campo de uma linguagem silenciada, invisibilizada na modernidade tecnológica. Assim, faz-se necessário romper com os padrões orientadores/homogeneizadores por um único viés, de etiquetas, currículos elitistas constituídos pela sociedade.

Vale mencionar que dentre as formas de venda aqui expressa, consumida em diversos objetos, a mandiquera também no ato de alimentar-se está relacionada aos modos de ver em relação a essa prática cultural. Isso é afirmado com os vendedores quando indicam que o melhor tipo de mandiquera. A seguir, apresenta-se as falas e as imagens.

[...] Uma boa mandiquera é aquela que é bem avermelhada, a gente conhece quando a mandiquera é boa, pois ela quando é bem fervida, fica avermelhada e vem no pote de barro. Ela é deliciosa. (Marilucia).

[...] Tem gente que coloca um pouco de açúcar e corall para avermelhar a mandiquera, mais o bragantino ao provar a mandiquera, sabe quando ela é boa, não precisa utilizar essas coisas. (Valdemir).

[...] A melhor mandiquera é a no pote de barro, quando o cliente passa a mão e sente que ela está fria, aí eles compram, porque conserva e ao esfriar sabem que podem tomar. (Luiza Silva).

[...] Muitas pessoas gostam mais de comprar a mandiquera no pote do que na garrafa e sacos de litro, só quem leva para gelar na geladeira é que compra assim!! Mais quem toma na hora, eles preferem no pote, dizem que no pote ela fica mais gostosa. (Sebastiana).

Imagem 9: Venda da Mandiquera em potes de barro



Fonte: Acervo fotográfico dos pesquisadores, 2019.

Imagem 10: Mandiquera em vasos de barro



Fonte: Acervo fotográfico dos pesquisadores, 2019

Essas falas e as imagens expressam os modos de ver a melhor mandiquera para o consumo. É aquela que é bem fervida e conseqüentemente fica mais avermelhada. Apesar de utilizarem estratégias para avermelhar a mandiquera com açúcar e coloral pelo gosto que, no ato de se alimentar, o bragantino a reconhece. As que são vendidas em garrafas e sacos, são levadas para residência dos bragantinos e colocadas nas geladeiras para o consumo. Ainda, apareceu com maior frequência que a melhor mandiquera é aquela vendida no pote e tomada na hora, esse reconhecimento associa-se as questões sensoriais dos sujeitos: “[...] quando o bragantino passa a mão no pote e *sente* que ela está *fria*”. Isso porque ela não pode ser tomada *quente*, é um produto muito forte” (Vendedora Luiza Silva). O ato de *olhar* “[...] a mandiquera no pote bem avermelhada” (Marilucia). Esses modos de ver a mandiquera resultam nos estigmas do *paladar*, representados pelos bragantinos: “[...] “Ela fica mais gostosa” (Sebastiana); “[...] Ela é deliciosa (Marilucia).

Conforme o estudo, identificou-se que a alimentação com a venda da mandiquera está ligada a exterioridade que cativa o olho, assim como, a comestibilidade e a aparência do que se come, visto que os alimentos, de acordo com De Certeau (1982, p. 203-204), são “as seduções ou repulsões do olhar são corrigidos pelo duplo diagnóstico do gosto: é bom ou não para comer cru ou cozido.” Ressaltando, ainda, que, “[...] para viver é necessário, antes de tudo... comer” (DE CERTEAU, 1982, p. 19).

Qual o lugar dos sujeitos da EJA, suas culturas e práticas na BNCC?

Ao problematizar a análise do documento digitalizado da Base Nacional Comum Curricular nos questionamentos: qual o lugar dos sujeitos da EJA, suas culturas e práticas na BNCC? Ao analisar o documento e acompanhar a luta dos movimentos sociais e dos intelectuais brasileiros

sobre as práticas de exclusão e a falta de diretriz da EJA na BNCC e a cobrança dessa modalidade nos documentos oficiais, identificou-se a seguinte assertiva em uma entrevista com Maria Helena Guimarães, secretária executiva do MEC, no ano de 2017, que já sinalizava o desmonte com essa modalidade que passaria a ser tratada no Ensino Regular, sem respeitar suas especificidades:

[...] o objetivo de não tratar a modalidade separadamente foi “não estigmatizar o público da EJA, retirando-o da educação regular”. “Na LDB, essa modalidade está incluída na educação regular e, como tal, foi considerada no conjunto dos direitos de aprendizagem de todos” [...], afirma. “Também não há algo específico para a educação indígena. Isso é questão do currículo, e a base não é currículo”, justifica Guiomar Mello, que participou da redação da terceira versão da BNCC⁵.

Esse registro, sobre as políticas de ausência de diretrizes para EJA na BNCC, indica que essa modalidade da Educação Básica vem de maneira acentuada ‘sofrendo’ um desmonte que tem o intuito de não dar orientações específicas para essa modalidade o que acaba por excluir os jovens e adultos da escola, pois, não há o seu lugar de direito, em uma diretriz nacional.

Na análise documental da BNCC, observou-se a orientação de currículo por competências, habilidades e objetivos de aprendizagem que invisibiliza os contextos socioculturais das diversidades de sujeitos, uma diretriz normativa propondo que as redes de ensino, em seus respectivos estados e municípios, consolidem uma única proposta curricular para o Ensino Fundamental, sem considerar as especificidades da modalidade da EJA, conforme destaca-se a seguir:

a) Nas 600 páginas da BNCC identificou-se uma lógica de competências gerais da educação básica e três etapas constituídas pela Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio.

b) que apesar da BNCC anunciar uma articulação com a LDB “[...] BNCC e os currículos se identificam na comunhão de princípios e valores que, como já mencionado, orientam a LDB e as DCN” (BNCC, p. 18). Prega a uniformização da proposta e não reconhece as diferenças das modalidades.

c) Apesar do documento anunciar um conjunto de orientações sobre a contextualização dos conteúdos por componentes curriculares e a perspectiva interdisciplinar. Contraditoriamente, ressalta o currículo por competências e habilidades, mediadas por um conjunto de objetos de conhecimento que tem como centralidade a hierarquização de disciplinas, Língua Portuguesa e

⁵ Revista Educação. Disponível em: <https://revistaeducacao.com.br/2017/09/13/falta-de-diretrizes-para-eja-na-base-preocupa-educadores/>. Acesso em: 14 fev. 2021.

Matemática e a indução e regulação exacerbada de conteúdos descontextualizados, como unidade disciplinar (MACÊDO, 2015).

d) As áreas de conhecimentos são orientadas a partir da lógica disciplinar, sem apresentar orientação para diálogos entre disciplinas na área e muito menos entre áreas. O que, de certa forma, limita, fragiliza, compartimentaliza a produção do conhecimento na totalidade.

e) Ao propor as articulações entre competências e habilidades e objetos do conhecimento, a BNCC configura a organização curricular baseada nos objetivos de aprendizagem voltados para crianças, nega a EJA e suas conquistas históricas, como a superação das práticas infantilizadas, como denunciava Di Pierro em 2005.

Esses argumentos sobre a BNCC e a EJA, justificam os riscos que a BNCC representa para a modalidade da EJA, pois, toda a construção histórica dos movimentos sociais de luta e resistência sobre a valorização das diferenças e diversidades culturais dos sujeitos, dentre suas experiências e vida e cultura estão negadas nessa diretriz orientadora e normatizadora.

Segundo Macêdo (2015), o tratamento da igualdade dos sujeitos e das modalidades, defendidas na BNCC, leva a negação das diferenças individuais e culturais na construção curricular, ocasionando a invisibilização das subjetividades dos alunos.

Dessa forma, o entendimento, nesta pesquisa, é de que as formas de resistência e luta pela permanência dessa modalidade é a de propor currículos culturais para o contexto escolar das turmas de Educação de Jovens e Adultos, a partir da criação de currículos imersos pela valorização da cultura, cultura material e imaterial, dos territórios e das diversidades culturais dos sujeitos da EJA.

Logo, para a proposição do currículo cultural para as turmas da EJA⁶, utilizou-se os elementos centrais de análise, são eles: “[...] sujeitos, os objetos culturais e a proposição de currículos culturais para as turmas de 1ª e 2ª etapas da EJA, com refinamentos teóricos de Freire (2005; 2002); Moreira e Candau (2007); Silva (2017), Santomé (1998), dentre outros autores.

Proposição do currículo cultural para as turmas de 1ª e 2ª etapas da EJA em Bragança, Estado do Pará, Brasil.

Neste estudo, esse currículo cultural advém das experiências culturais dos vendedores de mandiquera na frente dos dois cemitérios, sendo desenhado de maneira interdisciplinar e por área de conhecimento. Conforme Santomé (1998), as diversidades culturais devem ser trabalhadas no

⁶ A pesquisa inicialmente tinha o intuito de construir a tessitura do currículo com os professores que atuam em turmas de EJA pela Secretaria Municipal de Bragança-Estado do Pará. No entanto, com as escolas fechadas, no contexto pandêmico, ficou inviável tal construção, mas foi proposto a direção pedagógica uma formação para apresentar os resultados deste estudo, de forma *online*, aos professores da rede municipal.

currículo escolar, valorizando as diferenças de culturas e povos nos seus variados territórios e suas peculiaridades. Com isso, o currículo deve ser trabalhado a partir de áreas dos conhecimentos e de forma interdisciplinar, uma vez que a partir da cultura surgem os conteúdos culturais e escolares, advindos das realidades dos sujeitos.

As práticas culturais dessa tradição, são oriundas de territórios sociais que podem dialogar com seus respectivos territórios escolares, na forma de currículos escolares, conforme sublinha Silva (2017) e Moreira e Candau (2007). O currículo constitui-se como produção de conhecimento, de disputas de poder na sociedade. Ele precisa ser dialógico, emancipador, libertador, aquele que respeita o contexto vocabular e sociocultural dos alunos jovens e adultos (FREIRE, 2002).

Afere-se na tabela a seguir a proposição do currículo cultural:

Tabela 2: Sistematização e proposição do currículo cultural para o contexto escolar das turmas de 1ª e 2ª etapa (s) da EJA

Sujeito (s)	Objetos usados no cotidiano do cemitério para o consumo da mandiquera	Proposição do Currículo Cultural para as turmas de 1ª e 2ª etapa da EJA
Jovens, Adultos e Idosos - vendedores de mandiquera e Agricultora.	Tachos de alumínio; conchas para retirar a mandiquera; garrafas de vasilhames plásticos; copos descartáveis; potes de alguidar; potes de jarros de água, cuia e sacos plásticos.	Profissão dos vendedores; Alimentação bragantina; Tipo de agricultura e terra para plantação; O território do cemitério como mobilizador do Saber da Tradição Familiar Bragantina; Relações da Sociedade Capitalista sobre consumo de troca e venda. Noção de cores e reconhecimento dos alimentos pelos jovens, adultos e idosos; Etnomatemática na produção da mandiquera- unidades e tabelas de medida; valor de uso e consumo; Aritmética; Tempo para feita da mandiquera e sua venda; Memórias Olfativas e Sensoriais; Relação entre órgãos e sentidos; Substâncias e Matérias primas; Terminologias da linguagem da mandiquera; linguagem coloquial e culta.

Fonte :Elaborado pelos autores, 2021.

Os *sujeitos* jovens, adultos e idosos são trabalhadores (vendedores de mandiquera e agricultores(as), têm práticas culturais, memórias e saberes da tradição, transmitidos de geração a geração. Freire (2005) diz que o sujeito é histórico porque ele tem casa, comunidade, família, terra, tradição, cultura, trabalho. Nessas relações sociais que deve-se construir o processo de

“conscientização” – implica na inserção do sujeito nessa história, tornar-se consciente de quem ele é, onde está e com quem está (sua “situação-limite”) para problematizar o contexto social e desvelar os saberes culturais.

Para Silva (2017, p.134), o sujeito deve ser visto como sujeito de cultura “[...] Um campo onde se define não apenas a forma que o mundo deve ter, mas a forma como as pessoas e os grupos devem ser”. Assim, a cultura é vista pelas práticas cotidianas dos produtores e vendedores de mandiquera, carregados de saberes, memória e linguagem própria, característica de suas vivências.

As imagens deste estudo e as falas dos vendedores de mandiquera possibilitaram a análise dos *objetos usados no cotidiano do cemitério* para o consumo da mandiquera, são eles: tachos de alumínio; conchas de alumínio para retriar a mandiquera; garrafas de vasilhames plásticos; copos descartáveis; potes de alguidar; potes de jarros de água, cuia e sacos plásticos. O conjunto desses objetos geraram *a cultura material da mandiquera nos cemitérios da Amazônia Bragantina-PA*. A cultura material é construída pelos artefatos culturais a serem confeccionados, utilizados para o consumo e apropriados pelos sujeitos, conforme Certeau (2014). Com isso, os artefatos não são homogêneos, visto que, de certa forma, no mesmo cotidiano existem práticas culturais diferenciadas, produzindo, assim, a cultura material em contextos amazônicos, um dos principais focos de análise deste estudo.

Considerando que Silva (2017) aponta o currículo como artefato e como processo de construção social, mediados pelas significações e identidade dos sujeitos em seus respectivos contextos. Foi na articulação entre os sujeitos e objetos que foi proposto um currículo cultural para as turmas de 1ª e 2ª etapa da Educação de Jovens e Adultos, ou seja, a proposição constituiu-se a partir do reconhecimento das diversidades dos educadores e dos educandos, suas identidades, suas diferenças, considerando suas experiências de venda e consumo da mandiquera no dia dos Finados em frente do cemitério.

Desse modo, foi efetuada *a proposição do currículo cultural* que aproxima as diferentes formas de produção do conhecimento para/com o contexto das turmas de 1ª e 2ª etapas da EJA na Amazônia Bragantina.

Na área de Língagens: o educador pode desenvolver nas turmas de EJA, na produção do conhecimento de Língua Portuguesa, o significado das Terminologias da linguagem sobre a mandiquera e sua representação como perspectiva de alfabetização e letramento para os jovens e adultos. Assim, a linguagem coloquial e a culta são primordiais para ser elencado o uso da língua, associada aos conteúdos culturais contextualizados. Além disso, a noção de cores sobre a pigmentação do produto para a feitura e consumo são fundamentais na produção do conhecimento de Arte.

Na área de Ciências Humanas: o tipo de alimentação bragantina; o tipo de agricultura e terra para plantação da mandiquera; o território do cemitério como mobilizador do Saber da Tradição Familiar Bragantina e as Relações da Sociedade Capitalista sobre consumo de troca e de venda. São orientadores para o diálogo com os alunos sobre produções de conhecimentos históricos e geográficos, comparando essa prática cultural da mandiquera com outras formas de alimentação em outros territórios no dia de Finados em frente do cemitério.

Na área de Matemática e Humanas: a educação matemática, especificamente, a Etnomatemática na produção da mandiquera, pode ser sistematizada pelo educador o uso de unidades e tabelas de medida; as noções operacionais pela Aritmética com o valor de uso e consumo dos objetos em copos de plásticos, garrafas, potes; o tempo para feitura da mandiquera e sua venda; a relação do tempo de implantação do cemitério, relacionando o tempo com essa prática cultural.

Na área de Ciências da Natureza e Humanas: as memórias Olfativas e Sensoriais; as Relações entre órgãos e sentidos são fundamentais para a identificação de uma “boa mandiquera” no campo de Ciências e História. No ato de passar a mão, da relação frio e quente e seu consumo; na observação, no paladar. São atos fundamentais para tal associação dos sujeitos com esses objetos para o reconhecimento do corpo humano.

Vale mencionar que essa organização didática é uma proposição do currículo cultural para as turmas de 1ª e 2ª etapas da Educação de Jovens e Adultos na Amazônia Bragantina-Pa. Todavia, ele não é fixa, estática e homogênea, pois, acredita-se que esse currículo deve partir do diálogo estabelecido entre o educador e educando da EJA sobre a tradição da cultura material da mandiquera no cemitério com a pesquisa sociocultural e sua tessitura no cotidiano da escola.

É importante dizer, ainda, aos leitores deste estudo, que nas imagens e falas dos entrevistados identificou-se outras produções do conhecimento, tais como: por que essa prática ocorre no dia de Finados? Qual a religiosidade desses sujeitos que vão ao cemitério? A produção do ensino religioso enquanto orientador curricular sobre a diversidade de religiosidade expressa as diferenças e as diversidades para/com as turmas de EJA?

Na área de Ciências da Natureza e Humanas: que substâncias estão presentes nos objetos industrializados e seus impactos na natureza (copos, garrafas de plásticos, sacos plásticos)? Que substâncias existem nos objetos regionais, como os potes e os jarros de barro usados, a partir da matéria prima da argila (barro)? Que substâncias existem nos objetos regionais como as cuias que advêm da planta Cabaceira, conhecida popularmente como “cuieira” na Amazônia? Pode-se desenvolver com os jovens e adultos as terminologias dos nomes científicos e populares dos tipos de plantas nos territórios da Amazônia Bragantina, Paraense e Brasileiro? Que funções o cemitério

tem no dia de Finados? Aqui, quando é pensada a constituição do cemitério no dia de Finados, articula-se as representações de orações, missas, momentos de reunião familiar com seus entes queridos, levantamento de pessoas que vieram a óbito no município; uma mistura de sentimentos, de tristeza, alegria e saudades.

Conforme Albuquerque e Malár (2019), as observações em cemitérios revelam que, apesar de o dia de Finados ser um dia comumente associado na figura aparente, ele deveria ser caracterizado apenas como um dia de tristeza, no entanto, ele não é visto apenas por esse ângulo do luto, mas também como um modo das pessoas relacionarem-se entre si ao reunirem-se para prestar homenagens aos mortos, formando um pequeno arraial ao redor do cemitério.

Além do exposto, na Amazônia Bragantina, os cemitérios têm uma tradição cultural, a cultura material da mandiquera que manifesta-se como um ritual pedagógico, imerso por produções de conhecimentos históricos e geográficos que podem ser desenvolvidos no cotidiano das turmas de Educação de Jovens e Adultos. Assim, pode-se comparar e analisar as práticas e saberes presente nos cemitérios do Brasil.

Logo, o termo “proposição” é um orientador curricular de sentidos e de significados que possibilitam outras produções de conhecimentos no cotidiano escolar e devem ser desvelados, de forma heterogênea, entre sujeitos e seus objetos culturais no cotidiano das escolas entre educandos e educadores, em cada contexto sociocultural.

Nesse sentido, a cultura material da mandiquera no cemitério e a proposição do currículo cultural para as turmas de 1ª e 2ª etapas da Educação de Jovens e Adultos na Amazônia Bragantina-Pa, só foram possíveis de serem analisados pelos diferentes modos de fazer a mandiquera com a associação dos objetos usados para venda e consumo, e pelos modos de ver – com a apropriação dos objetos pelos sujeitos. Portanto, essa cultura transmitida historicamente constitui-se pelos significados corporizados em símbolos “[...] Um sistema de concepções herdadas, expressas em formas simbólicas, por meio das quais os homens comunicam, perpetuam e desenvolvem o seu conhecimento e as atitudes perante a vida” (GEERTZ *apud* CHARTIER, 1990, p. 66-67).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Trazer à tona o conjunto de artefatos que constituem a cultura material e currículo cultural é um exercício ousado e de inovação curricular, visto que essa articulação tem sido um exercício de pesquisa, importante no sentido de visibilizar o lugar da EJA, dentre seus sujeitos e artefatos como produção de conhecimento, currículo cultural para os contextos escolares.

Chama-se a atenção dos leitores que no início deste estudo, a proposta era construir a proposição de currículos culturais com os professores da EJA no município de Bragança, contudo, devido o contexto pandêmico, as instituições encontram-se fechadas. Daí foi proposto a direção pedagógica da Secretaria Municipal de Educação a socialização, desta pesquisa, fosse de forma *online*, momento em que será materializada uma formação continuada a esses professores e a entrega deste texto, uma vez que isso vai ajudar a utilizá-la na proposição do currículo em voga, bem como, possibilitará o redimensionar de suas atividades pedagógicas⁷, com o uso de novos conteúdos culturais, a partir da análise dos desses objetos culturais com a venda da mandiquera no território da Amazônia Bragantina.

Essa é uma forma de socializar o currículo heterogêneo, respeitando os sujeitos de cada território, suas diversidades, por isso, apenas “propôs-se” algumas produções de conhecimento aos docentes sem o intuito de engessar, transformar em uma camisa de força, suas práticas cotidianas, uma vez que coaduna-se ao pensamento de Freire(2005), ao dizer que toda proposição de educação emancipada, deve partir do vocábulo do sujeitos educandos, de suas experiências de vida, socializada no cotidiano das escolas com os educadores. Portanto, a intenção é não cristalizar/homogeneizar o currículo, e sim demonstrar as diferentes formas de indicativos curriculares para o contexto escolar: por área de conhecimento, de forma interdisciplinar; por representações de educação na EJA; por currículos culturais.

Nesse sentido, a cultura material da mandiquera e a proposição do currículo cultural para a educação de jovens e adultos, tornar-se-á inédita a partir dos significados e sentidos produzidos pelos sujeitos. E isso está amparado no art. 216 da Constituição: “[...] constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira”.

Assim, a prática cultural da mandiquera nos cemitérios de Bragança devem ser preservadas, ser vista como Patrimônio Histórico Bragantino, Brasileiro e Mundial, visto que contribuem para valorizar os territórios, saberes e práticas culturais permeados de currículo para os jovens, adultos e idosos das escolas brasileiras e da Amazônia Bragantina-Pa.

⁷ Segundo o diretor pedagógico da Secretaria Municipal de Educação, atualmente, no município de Bragança, os professores tem desenvolvido suas ações pelo regime de atividades não presenciais, com o uso da TV Escola Bragantina e cadernos pedagógicos de orientação para os alunos jovens e adultos e idosos, conforme estabelecido na resolução n.02 de 10 de Dezembro, orientada pelo Ministério da Educação.

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, Maria Betânia B.; MALÁR, Karen Azevedo. Festa dos mortos, relações de sociabilidades e o consumo de manicuera. *Muiraquitã-UFAC*, Rio Branco, v. 6, n. 1, p. 1-19, jun. 2018.
- ALBUQUERQUE, Maria Betânia B.; MALÁR, Karen Azevedo. Morrer e beber manicuera: relações de sociabilidade no dia de finados. *Revista Ingesta*, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 232-249, mar. 2019.
- ARAGÓN, Luis. Há futuro para o desenvolvimento sustentável na Amazônia? In: MELLO, Alex (org.). *O futuro da Amazônia: dilemas, oportunidades e desafios no limiar do século XXI*. Belém: Editora Universitária, 2002. p. 33-53. v. 1.
- BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR (BNCC). *Educação é a base*. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase/>. Acesso em: 14 fev. 2021.
- BOM MEIHY, José Carlos Sebe. *Manual de história oral*. São Paulo: Edições Loyola, 1996.
- BURKE, Peter. Cultura material através de imagens. In: BURKE, Peter. *Testemunha ocular: o uso de imagens como evidência histórica*. Tradução de Vera Maria Xavier dos Santos. São Paulo: Unesp, 2017. p. 123-154.
- BURKE, Peter. *O que é história cultural?* Tradução de Sérgio Goes de Paula. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
- BRASIL. *Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996*. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, DF, Presidência da República [1996]. Disponível em: [www.planalto.gov.br > ccivil_03 > Leis](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis). Acesso em: 15 set. 2019.
- BRASIL. *Lei nº 13.005, de 25 de junho de 2014*. Aprova o Plano Nacional de Educação - PNE e dá outras providências. Brasília, DF, Presidência da República [2014]. Disponível em: [www.planalto.gov.br > ccivil_03 > 2014](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/2014). Acesso em: 15 set. 2019.
- BRASIL. [Constituição (1988)]. *Constituição da República Federativa do Brasil de 1988*. Brasília, DF: Presidência da República. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 14 fev. 2018.
- CERTEAU, Michel de. *A escrita da história*. Tradução Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.
- CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: 1. Artes de Fazer*. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. 22. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.
- CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 1990.
- DI PIERRO, Maria Clara. Notas sobre a redefinição da identidade e das políticas públicas de Educação de Jovens e Adultos no Brasil. *Revista Educação e Sociedade*, Campinas, v.26, n.92, p.1115-1139, out. 2015. Edição Especial.
- FREIRE, Paulo. *Ação cultura para a liberdade e outros escritos*. São Paulo: Paz e Terra, 2002.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 42. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.
- HAESBAERT, Rogério. Identidades territoriais: entre a multiterritorialidade e a reclusão territorial (ou: do hibridismo cultural à essencialização das identidades). In: ARAÚJO, Frederico; HAESBAERT, Rogério (org.). *Identidade e territórios: questões e olhares contemporâneos*. Rio de Janeiro: ACCSS, 2004. p. 93-123.
- GIL, A. C. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.
- LIVRO DE AFORAMENTO DE SEPULTURAS. *Acervo*. Departamento de Tributo da Prefeitura Municipal de Bragança- PA: 1910 a 1960.
- MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. *Fundamentos de metodologia científica*. São Paulo: Editora Atlas, 2010.
- MACEDO, Elizabeth. Base Nacional Comum Para Currículos: Direitos de Aprendizagem e Desenvolvimento Para Quem? *Educ. Soc.*, Campinas, v. 36, n. 133, p. 891-908, out./dez. 2015.

MOREIRA, Antônio; CANDAU, Vera. *Indagações sobre currículo: currículo, conhecimento e cultura*. Brasília: Ministério da Educação/ Secretaria de Educação Básica, 2007.

ELIAS, Norbert. *A sociedade dos indivíduos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.

SANTOMÉ, Jurjo. Os conteúdos culturais, a diversidade cultural e a função das instituições escolares. In: SANTOMÉ, Jurjo (org.). *Globalização e interdisciplinaridade: o currículo integrado*. Tradução de Cláudia Shilling. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1998. p. 129-152.

SILVA, Tomaz da. Os estudos culturais e o currículo. In: SILVA, Tomaz da (org.). *Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo*. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2017. p. 131-138.

Submetido em junho de 2021
Aprovado em agosto de 2021

Informações do(a)s autor(a)(es)

Rogério Andrade Maciel

Professor da Universidade Federal do Pará/Campus Universitário de Bragança. Doutor em Educação pelo Programa de Pós- Graduação em Educação, na linha de Educação, Cultura e Sociedade (PPGED/ICED/UFPA/2019).

E-mail: rogeriom@ufpa.br

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1673-5215>

Joana d'Arc de Vasconcelos Neves

Doutora e Mestre em Educação pela Universidade Federal do Pará. Atualmente é Docente do Programa de Pós-Graduação Linguagens e Saberes da Amazônia e professora Adjunta da Universidade Federal do Pará Campus de Bragança-Pa.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3110-3649>

E-mail: jdneves@ufpa.br

Franciele de Almeida Magalhaes

Acadêmica do Curso de Licenciatura em Pedagogia (2017). Atualmente é bolsista do Programa de Apoio ao Doutor Pesquisador (PRODOUTOR) pela Universidade Federal do Pará/Campus Universitário de Bragança (2020-2021).

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7215-6990>

E-mail: francyelestar811@hotmail.com